

LIVRO

Com um toque de emoção

Mulher de Paulo Moura lança biografia do músico. Por **Gonçalo Junior**, de São Paulo

"Paulo Moura, um Solo Brasileiro"

Halina Grynberg

Casa da Palavra

240 págs., R\$ 55,00 **AAA**



O modo natural de tocar e a capacidade de improvisação sempre pareceram no palco algo nato ao saxofonista e arranjador Paulo

Moura, morto de câncer no ano passado, aos 77 anos. Seu olhar, muitas vezes escondido pelo inseparável chapéu, na verdade disfarçava a timidez e certo desconforto de alguém que perseguia obsessivamente — num bom sentido — a perfeição. "O palco é uma pressão muito grande, para o bem e para o mal", observou ele. Por isso, preferia a solidão do estúdio à plateia, mesmo que ela estivesse ali apenas para reverenciá-lo e nada cobrar. "Acho que na prática, em casa, no estudo, busco encontrar um recurso técnico que crie determinada emoção. É preciso praticar, aperfeiçoar, porque na execução perante o público aquilo deve ir em direção às pessoas, e é feito para isso, para as pessoas serem tomadas por essa emoção que já foi sentida pelo solista em casa, na sua busca".

Em quase 60 anos de carreira, esse paulista de São José do Rio Preto que virou carioca na adolescência teve uma vida extraordinária e, ao mesmo tempo, discreta, como fazia questão de ser. Daí o conteúdo revelador do emocionante "Paulo Moura, um Solo Brasileiro", mistura de entrevistas entre ele e sua mulher, a psicanalista e escritora Halina Grynberg, com observações pessoais dela. Nesse relato tocante, o que se lê são as múltiplas facetas de um gênio que ajudou a fundir o erudito e o popular tanto na música brasileira quanto no pop internacional, ao combinar ritmos nacionais, como o samba, o choro, a bossa nova, com o jazz americano. E emprestou seu talento a gravações de



RODNEY SUGUITA/FOLHAPRESS

Paulo Moura: múltiplas facetas de um gênio que ajudou a fundir o erudito e o popular

discos de grandes nomes como João Gilberto, Elis Regina, Milton Nascimento, Sérgio Mendes, Nat King Cole, Ella Fitzgerald e Sammy Davis Jr.

Mas é o Paulo Moura pessoa o que dá charme e ternura ao livro. Ele é generoso com todos sem forçar a barra e incapaz de criticar alguém. Fala sem nenhuma mágoa do pai autoritário, mas bem-intencionado, carpinteiro de origem humilde que virou maestro — e cobrava empenho dos filhos, 11 no total — para que se tornassem grandes músicos. Mais de um terço da obra se passa dentro do universo familiar, sua formação, a mudança para o Rio, a luta para sobreviver como alfaiate, as competições de calouros no rádio e a inauguração da primeira emissora de TV do país, a Tupi, em setembro de 1950 — Paulo estava lá, entre os músicos da orquestra de Georges Henry. São trechos de conversas bem à vontade, conduzidas com competência pela autora, que faz deliciosas notas de rodapés e adendos — como sua paixão por chapéus — que revelam ainda mais a personalidade do músico.

O trecho em que ela descreve o estilo de tocar do marido é marcante: "Paulo é detalhe inusitado. Mistura inexplicável. Improvisa no próprio corpo os gestos e a modulação da

música que cria. Não toca somente a clarineta e o sax. É ele o instrumento, sopro inundado de suavidade, alentado de ternura, peito fluído precisão e refinamento, sopro inundado de suavidade, som feito de carne e de espiritualidade. Como faz para combinar os extremos — a experiência familiar de origem negra e humilde com a ocidentalidade complexa da música de Beethoven, Stravinsky, Debussy — que o apaixonam? Ou talvez devêssemos simplesmente deixar a luz pousar no azul surpreendente do olhar dominando a pele de mouro. Contraste. Invenção".

Em cada linha de "Paulo Moura, um Solo Brasileiro" se tem a sensação de paixão em todos os sentidos. Primeiro, de quem entrevista, já que a autora conviveu com ele por 26 anos, até o fim da vida. Depois, pela música, a vida, a família, os amigos, as pessoas, os mestres que o inspiraram. O jeito cristalino de Paulo falar de erudição é de uma clareza impressionante. Ao fim, após adentrar tão fundo sua intimidade, fica o vazio de alguém tão especial que já não está mais entre nós. É um livro que pulsa vida, que também se manifesta pela saudade que nos faz sentir de Paulo Moura.